



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MANUEL PAULO BENGUI

**A LÍNGUA E A CULTURA DO POVO BAKONGO:
DO NOME AO PARENTESCO NA CULTURAÇÃO MODERNA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MANUEL PAULO BENGUI

**A LÍNGUA E A CULTURA DO POVO BAKONGO:
DO NOME AO PARENTESCO NA CULTURAÇÃO MODERNA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MANUEL PAULO BENGUI

**A LÍNGUA E A CULTURA DO POVO BAKONGO:
DO NOME AO PARENTESCO NA CULTURAÇÃO MODERNA**

Projeto apresentado como parte dos requisitos para obtenção de grau Bacharel em Humanidades, no Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras - IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab.

Aprovado em 27/03/2019.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Alexandre António Timbane - Orientador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professora Doutora Lavínia Rodrigues de Jesus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Doutor Rafael Palermo Buti

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela proteção e saúde que me tem proporcionado dia pês dia. A minha família completa, que mesmo distante tem me apoiado bastante. Similarmente, um especial agradecimento aos meus queridos pais, Gabriel de Sousa e Maria Paulo Bengui, que tanto fizeram para que este sonho se tornar-se realidade. De igual modo, agradeço aos meus amigos, e colegas, que de uma forma direita ou endireita contribuíram para este feito inédito. Aos meus professores e minhas professoras que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado, em especial ao meu orientador. Professor, Dr. Alexandre Antonio Timbane pelos incentivos e motivações. Agradeço igualmente, a minha instituição por me ter dado a oportunidade e todas as ferramentas que permitam chegar hoje ao fim deste ciclo de maneira satisfatória, pois é o momento mais alto da minha carreira estudantil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	Divisão administrativa de Angola	9
Mapa 2	Mapa Etnolinguístico	16
Quadro 1	Atividades 2020	26
Quadro 2	Atividades 2021	26
Quadro 3	Descrição do Orçamento	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PROBLEMATIZAÇÃO	11
3	HIPÓTESES	11
4	OBJETIVOS	12
4.1	GERAL	12
4.2	ESPECÍFICOS	12
5	JUSTIFICATIVA	12
6	REFERENCIAL TEÓRICO	13
6.1	A LÍNGUA E A CULTURA	13
6.2	A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS BAKONGO	15
6.3	O NOME E OS SEUS SIGNIFICADOS NOS POVOS BAKONGO	17
6.4	O PARENTESCO: ASPECTO ANTROPOLÓGICO	19
6.5	A CULTURA E A IDENTIDADE DE UM POVO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	20
7	METODOLOGIA, FORMAS DE COLETA E PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS	23
7.1	METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS	23
7.2	PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS	25
8	CRONOGRAMA	26
9	ORÇAMENTO	27
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICES	30

1 INTRODUÇÃO

Todas as sociedades do mundo possuem tradições e práticas que participam na construção da identidade. A língua e a cultura têm sido elementos entrelaçados e despertam interesse a muitos pesquisadores. Nos tempos atuais temos presenciado alguns acontecimentos que fazem-nos crer que a modernidade está, de certo modo, apagando alguns aspectos culturais e tradicionais do povo bakongo. É evidente que nas últimas décadas, já não é comum falar a língua kikongo na capital do país, isto é, em Luanda, pelos próprios bakongo.

O fenômeno da aculturação iniciou com a chegada dos colonizadores holandeses e portugueses que introduziram o conceito “civilização” trazendo a ideia de que o povo angolano precisa de uma civilização como se os africanos por natureza não tivessem. Todos os grupos étnicos possuem uma civilização própria que caracteriza o seu grupo. Uma vez que para os portugueses civilização corresponde a imitação dos modos de ser e de estar de europeus passaram a obrigar que todo angolano se aculturasse. As grandes cidades e as áreas de plantação eram os grandes centros de processos de aculturação mental e cultural.

Para além disso, os colonos obrigaram o uso do português proibindo o uso das diversas línguas africanas faladas pela maioria dos angolanos. Se a língua é a maior expressão de uma cultura, então com a obrigatoriedade do uso do português ficaram perdidos diversos traços culturais que normalmente são expressos pela língua. Importa de igual modo, realçar que a língua de um determinado grupo ou povo é vista como o principal veículo de identidade cultural.

Desta forma, descrever uma língua de um grupo étnico é bastante complexo, pois é por intermédio da descrição da língua que pode se conhecer a cultura desse povo. Por exemplo: em kikongo bom dia se diz (*Luxíkamene kiambote*), boa tarde se diz *Lunanguini kiambote*, e boa noite se diz *luleka kiambote*, na tradição bakongo, a saudação não envolve o adjetivo “bom”, tal como acontece nas sociedades europeias (bonjour, buenos dias, etc.). No entanto, quando falamos de língua podemos englobar também a cultura, pois ambos são conceitos diferentes, mas que se interligam entre si, ou seja, a noção de língua não pode ser compreendida separadamente da cultura e vice-versa.

Como se pode observar, a língua representa culturalmente um determinado povo, porém, pode se dizer que a língua é um dos instrumentos mais fundamentais para um povo ou para um território manter a comunicação ativa, entre membros da comunidade. Segundo Couto (2007), o ecossistema fundamental de língua corresponde a união de três fatores: língua, território e população. A ausência de um destes elementos implica um bloqueio. O

ecossistema linguístico local (comunidade de fala) se dá a partir da ecologia comunicativa constituída por qualquer agrupamento de “pessoas que convivam de modo duradouro em determinado espaço e que interajam ente si, tanto que se fala também em comunidade de interação e até a comunidade de comunicação.” (COUTO, COUTO & BORGES, 2015, p.106).

Uma vez que a língua é uma construção social é lógico que depende da sociedade para existir, sociedade essa que se localiza em determinado espaço geográfico. A língua baniwa, por exemplo, é uma língua localizada geograficamente na América do Sul, especificamente nas regiões fronteiriças da Colômbia e Venezuela, mas também falada no Brasil (São Gabriela da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos no Estado de Amazonas). Desta forma, a língua kikongo pertence ao povo bakongo localizado geograficamente no antigo reino kongo. As características deste povo são próprias e carregam não apenas elementos ambientais, mas também os culturais que são os mais marcantes.

Para o aprofundamento do tema discutiremos os conceitos dos nomes e seus significados no contexto bakongo. De fato, quanto ao nome, importa-nos salientar que é a denominação que se dá a uma pessoa, animal ou objeto para distingui-lo dos demais e atribuir-lhe uma identidade. Portanto, um dos aspectos que também trataremos é com relação ao parentesco na aculturação moderna.

De acordo com Pélissier (2009), Angola situa-se na África Central Ocidental, ao Sul do equador. O território estende-se entre os 5 e 18 graus de latitude Sul, e entre os 12 e 24 graus de longitude a Leste Greenwich. A topografia de Angola pode ser dividida em três zonas principais, de Oeste para Leste, em direção ao interior. Primeiro, há uma região costeira de terras baixas, com pouco mais de 150 quilômetros no seu ponto mais largo, que abrange quase toda sua faixa longitudinal do país desde o extremo Norte, junto à foz do Rio Congo, até ao extremo Sul. Posteriormente, Pelissier (2009) encontrou, uma faixa estreita de subplanalto que se eleva de 300 a 1.000m de altitude. A zona mais oriental, um verdadeiro planalto, eleva-se numa série de mesetas (pequenos planaltos) com uma atitude entre 1200 a 2100 metros aproximadamente.

Angola tem uma grande variedade de vegetação e relevo com um clima seco (que ocorre nos meses de maio a agosto) e clima chuvoso (que ocorre nos meses de outubro a abril). Este clima permite que haja uma vegetação única, com nomes de plantas e animais em linguais locais. Algumas regiões Angola oriental e norte de Angola pertencem à grande bacia de drenagem do Congo, à África Central e à bacia hidrográfica do sistema Zambeze Congo. A região costeira e ocidental de Angola está voltada para o atlântico sul. Estas características

discussões a cerca da ligação das províncias e as capitais e o meio ambiente em que os angolanos estão. O importante a apontar nesta parte é que existe uma relação recíproca entre os lugares, as línguas e o meio ambiente em que os falantes de uma determinada língua estão envolvidos. Uma pesquisa de Timbane (2018) demonstra como o léxico do português emprestou muitas palavras de frutos, animais e muitas plantas que não ocorrem em Portugal ou em qualquer outra parte do mundo. Boas (2005, p.61) afirmou que “as condições ambientais podem estimular as atividades culturais, mas não têm força criativa (...) o mesmo meio ambiente irá influenciar a cultura de maneiras diversas, de acordo com os bens culturais dos povos.”

Calvet mostra que “a evolução interna das línguas pode ser considerada, segundo Darwin, como o produto de uma seleção natural, mas é, sobretudo nas relações entre elas que essa seleção se manifesta.” (CALVET, 2016, p.366). O autor acrescenta que

As línguas pertencem àqueles que as falam, e só existem nas práticas de comunicação. Nesse sentido, é difícil de aproximá-las das espécies. O modelo gravitacional, assim como a análise do peso das línguas nos mostraram que seu futuro não depende de características internas, mas de fatores externos. (CALVET, 2016, p.369).

Cada palavra da língua kikongo carrega traços socioculturais inexistentes em outras línguas. Isso torna a língua um patrimônio imaterial de humanidade. Muitas línguas angolanas estão em vias de extinção devido a políticas linguísticas malsucedidas desde ao alcance da independência em 1975. Uma vez que o português é a única língua oficial faz com que as outras línguas africanas sejam desprezadas e conseqüentemente não ensinadas nas escolas. Se o kikongo fosse a segunda língua oficial e de ensino nas regiões dos povos bakongo estaria mais revitalizada e o número de falantes estaria aumentando. Estudos de Ki-Zerbo mostraram que se a educação em África fosse em línguas locais os índices de aprovação seriam maiores porque os alunos utilizaram suas línguas maternas. O autor afirma que

O problema das línguas é fundamental, porque diz respeito à identidade dos povos. E a identidade é necessária, tanto para o desenvolvimento quanto para a democracia. As línguas dizem respeito à cultura, aos problemas da nação, à capacidade de imaginar, à criatividade quando falamos numa língua que não é originalmente a nossa, exprimo-nos de forma mecânica e mimética, salvo exceções. (KI-ZERBO, 2006, p.73).

Isso significa que se as línguas angolanas fossem instrumentos de ensino estariam revitalizadas, seriam importantes e teriam o valor que português têm. Ki-Zerbo (2006) é

cauteloso ao discutir que é impensável e impossível rejeitar as línguas europeias impostas pelo colonizador, porque elas servem de comunicação com outros povos e com o mundo internacional. Valorizar línguas de contato internacional não significa desprezar a sua própria língua e relegar para o terceiro plano.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Os povos africanos são por natureza povos de tradição oral, o que significa que a transmissão dos conhecimentos é feita pela oralidade de geração em geração partindo dos mais velhos (anciões, idosos, conselheiros) para os mais novos. A importância do mais velho é relevante nas tradições bakongo porque são eles os detentores de conhecimentos que permitem a continuação do saber das gerações.

O nome, não é apenas nome. É identidade, é cultura, é tradição e é uma marca que se perpetua de geração em geração. A língua sendo instrumento de comunicação revela traços culturais em especial o nome. Que relação existiria entre o nome nas tradições bakongo e a cultura? Este questionamento resulta da observação do fato de que atribuição do nome exige um ritual próprio que carrega elementos de identidade.

3 HIPÓTESES

Segundo Prodavov e Freitas (2013, p.122, grifos dos autores) “as hipóteses constituem respostas supostas e provisórias ao problema.” A tentativa de resposta deverá ser confirmada pelos dados após a coleta e análise de dados. É nesse momento que se confirmará ou refutará as hipóteses previamente apresentadas.

Desta forma avançam-se três hipóteses: a) existe uma relação extrínseca entre o nome e a cultura dos povos bakongo, porque o nome carrega identidade sociocultural; b) sendo o nome um elemento fundamental nas tradições ele é dado por meio de um ritual que ocorre por meio de um ancião ou responsável legal da família c) A cultura está presente na língua e é através da língua que se atribui o significado do nome e a oração da atribuição do mesmo.

Todavia, o fundamento da estrutura social Kongo, é baseada no clã, que é o conjunto de matrinhagens, e é de facto uma característica que não se alterou na sua base, embora tenha sofrido certas mudanças ao longo dos tempos. O processo de atribuição do nome não é

pacífico quando não são seguidos os procedimentos legais aceites pela tradição. Se o nome for dado erradamente, a criança passa a maior parte do tempo chorando até que os pais tomem medidas corretas para que os “antepassados” reconheçam esse nome.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

- Reconhecer aspectos da língua e da cultura do povo bakongo e sua relação com a tradição

4.2 ESPECÍFICOS

- Analisar sociológica e culturalmente a língua do grupo em questão
- Identificar as características culturais dos Bakongo
- Descrever as práticas tradicionais da atribuição do nome e sua relação com a cultura.
- Explicar os valores do nome nas tradições bakongo.

5 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema surge da necessidade de compreender aspectos ligados ao nome nas tradições bakongo, sendo membro pertencente à etnia local. É que as práticas culturais bakongo assim como o uso da língua kikongo foram proibidas no tempo colonial porque quem desejasse ser assimilado tinha que abandonar inteiramente os usos e costumes dos povos africanos, ser monogâmico, saber ler e escrever e falar em português (TIMBANE, 2018, p.17). O nome é fundamental nas tradições bakongo. A atribuição do nome está ligada às práticas culturais e às realidades da vida. Por essa razão, a atribuição do nome se precedido de uma cerimônia especial. A escolha do tema da presente pesquisa se justifica pela importância que nome tem nas tradições bakongo.

Nascemos e crescemos numa sociedade em que as mentalidades ainda continuam sendo colonizadas eurocentricamente. Esse comportamento relega as realidades africanas, camufla a riqueza cultural e eleva a cultura dos colonizadores. É tendência real, o angolano

valorizar a cultura europeia e renegar a sua própria identidade cultural, Foi apartir de reflexões sobre a realidade da etnia bakongo que pensamos pesquisar e discutir a presente temática como forma de contribuir para a preservação da cultura bakongo e elevar a autoestima da comunidade que tende a desaparecer especialmente nos grandes centros urbanos.

Havendo poucas pesquisas sobre a temática, nas diversas áreas do saber (sociologia, antropologia, etc.), achamos interessante pesquisar sobre este assunto para que haja divulgação e disseminação da rica cultura dos povos bakongo que infelizmente ainda é pouco conhecida pelo mundo afora. Desta forma, a pesquisa contribuirá bastante para o conhecimento e divulgação da cultura do referido grupo, conhecimento este que será adquirido através das leituras, coleta, análise e discussão.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 A LÍNGUA E A CULTURA

A língua é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 2006, p.17). A língua é um instrumento de comunicação, sendo composta por um sistema linguístico que agrupa elementos da gramática, do léxico, da semântica e da fonética e fonologia.

Saussure, *citado* por Bakhtin (1929) discute que a língua é um fato social cuja existência se funda nas necessidades comunicativas. Quem molda a língua é a sociedade através das convenções que ocorrem na sua maioria de forma arbitrária. Por isso, Saussure fala da arbitrariedade do signo, que é composto por um conceito e uma imagem acústica. A escolha da sequência sonora “porta” não se liga ao objeto. A individualidade não pode alterar a língua porque a língua pertence ao social. Todas as transformações linguísticas dependem de uma convenção social.

Os ex-estudantes de Saussure (Bally e Sechehaye) compreenderam a língua como um objeto abstrato ideal, uma vez que a língua é inalcançável fisicamente, mas a fala sendo um elemento individual é mais concreta.

Vários linguistas têm tratado a língua como um objeto autônomo, social, homogêneo, sistemático, constante, duradoura, conservadora e virtual. A língua é depositada virtualmente

no cérebro de cada um dos membros pertencentes à comunidade linguística. Faraco (2006) defende que as línguas estão envolvidas num complexo fluxo espaciotemporal de mutações, de substituições, de aparecimentos, de desaparecimentos, de conservação e de inovação.

Partindo de uma visão geral, a língua constitui um patrimônio cultural de todos povos do mundo, não interessa o grau de escolaridade dos falantes nem das crenças e culturas. A língua kikongo é, portanto, tida como a língua oficial do antigo reino do Kongo. Mamona (2016) o kikongo é a primeira língua bantu que se comprometeu a escrever em caracteres latinos, e teve o primeiro dicionário escrito no ano de 1648 por Manuel Robredo. Para Mamona (2016), o kikongo é uma língua ancestral e possui cerca de vinte variantes espalhadas em três países: República de Angola, República Democrática do Congo e República do Congo.

A língua kikongo é uma língua africana de origem bantu, que é falada pelo povo bakongo, particularmente nas províncias de Cabinda, Uíge e do Zaire, isto no Norte de Angola. Porém, o Kikongo similarmente é falado na região do baixo Congo, na República Democrática do Congo e nas regiões limítrofes da República do Congo, sendo que a língua em questão acarreta o estatuto de língua nacional no território Angolano. Sabemos da política e do planeamento linguístico feito pelos angolanos no período pós-colonial que privilegiou o português deixando de lado as diversas línguas africanas.

O perigo de extinção das línguas angolanas já não é do sistema colonial. Os colonos saíram de Angola em 1975 e deixaram os destinos do país com os próprios angolanos. Se os angolanos não se preocupam em resgatar, preservar, ensinar, promover e descrever as suas línguas locais já não é culpa dos portugueses.

Segundo a Constituição da República de Angola de 2010, no seu artigo 19º, a língua oficial da República de Angola é o português. Como também, o Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas da comunicação internacional. Portanto, a segunda passagem deste artigo 19º, é bem mais teórica do que prática. Porque nas escolas angolanas não se estuda em línguas angolanas.

O atendimento nos hospitais, nos serviços públicos, na justiça e na administração pública é feita apenas em português. Quem não sabe falar, ler e escrever em português fica automaticamente excluído da vida urbana. Essa situação de exclusão linguística que afeta o lado económico e social se verifica no Brasil, em Moçambique e em vários outros países. Timbane e Rezende (2016) abordam que a língua portuguesa é usada como instrumento de opressão, de segregação e de humilhação social, político e económico. Segundo os autores,

O português oprime quando um simples cidadão analfabeto é privado dos seus direitos devido ao fraco domínio da norma padrão. Por exemplo, para ser deputado é obrigatório que seja alfabetizado e que domine as quatro competências: expressão oral, comunicação oral, expressão escrita e comunicação escrita (...). Passa a ser opressor porque provoca descontentamento dos cidadãos. Quem não sabe português não consegue fazer requerimento, não consegue preencher formulários, não consegue passar nos concursos públicos, não consegue fazer pedido, reclamações nem se defender na justiça em português. (TIMBANE & REZENDE, 2016, p.402).

Voltando para a língua kikongo é necessário considerar que uma língua só se torna mais visível quando a política linguística atribui um estatuto privilegiado. A oficialidade das línguas africanas traria uma visibilidade e daria o prestígio que hoje não existe com relação aos falantes de línguas de origem africana. Portanto, a forma como é hoje escrito o kikongo tem sido uma preocupação para os intelectuais bakongo. Atualmente não há padronização ortográfica de kikongo, com uma variedade de uso na escrita, principalmente jornais, panfletos e em publicidades diversas. O fator linguístico (comentado e discutido na mídia angolana) tem sido muito pouco tratado em políticas públicas de promoção, ensino e pesquisa de línguas.

Segundo Bagno, (2003, p.110-112), “toda língua muda com o tempo”, portanto, a língua kikongo como uma outra qualquer língua viva, sofreu alterações ou mudanças ao decorrer do tempo, mudanças essas que podem ser percebidas tanto na escrita quanto na oralidade. As mudanças da língua ocorrem pela dinâmica social e pelas influências da cultura e sempre marcante nas línguas.

Por outro lado, Faraco (2006) descreve que, os falantes percebem a existência de mudanças na língua. Portanto, está ocorrência verifica-se, por exemplo, quando os falantes do determinado idioma são expostos a textos muito antigos escritos na língua de origem, de outra maneira, quando, convive-se mais de perto com outros falantes bem mais jovens ou bem mais velhos, ou, interagem com falantes de classes sociais que têm estado excluídas da experiência escolar e da cultura escrita.

6.2 A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS BAKONGO

Antes de descrever sobre o grupo em questão, é importante situar que a gramática das línguas bantu funciona com base nos prefixos. Por isso, o **ba** é prefixo **ba** que indica o plural. Portanto, bakongo significa “os kongos”. Os Bakongo é um grupo étnico bantu que vive numa larga faixa ao longo da Costa Atlântica da África, desde o Sul do Gabão até às províncias angolanas do Zaire (M’banza Congo), Uíge, passando pela República do Congo,

pelo enclave de Cabinda e pela República Democrática do Congo. Sendo que em Angola é considerado o terceiro maior grupo étnico, segundo Mamona (2016).

Os Bakongo, cuja a língua é o kikongo ocupavam o vale do rio Congo em meados do século XIII e formaram o reino do Kongo, que até a chegada dos portugueses, no final do século XV, era forte e unificado. Sua capital era M'banza Kongo e ficava na atual província angolana do Zaire, tal como ilustra o Mapa 2.

Mapa 2 - Mapa Etnolinguístico



Fonte: Triplov.com.org.

No decorrer da guerra de independência de Angola, muitos refugiaram-se para o então Zaire, deslocamento que contribuiu consideravelmente para a diminuição da população bakongo no território angolano. Após a independência de Angola, em 1975, muitos dos angolanos que se encontravam no Congo, todos exilados festejaram a vitória da paz. Alguns regressaram ao país, mas outros preferiam permanecer no estrangeiro.

Segundo Pereira (2008) dos 13,5% que representavam os bakongo em 1960 apenas retornaram ao país 8,5%. As guerras nunca foram vantajosas em qualquer parte do mundo. Onde há guerra em algum momento se perde a união cultural, há desintegração de famílias, há dispersão e perda de tradições. De salientar que os regressados do ex-Zaire, atualmente República Democrática do Congo não voltaram para os seus locais de origem (Uíge, Zaire e Cabinda), quer dizer, preferiram mudar-se para capital Luanda. E para outras cidades economicamente estáveis

Segundo Bauman (2004), a identidade é uma convenção socialmente necessária e que é usada com extremo desinteresse no intuito de moldar e dar substância a biografias pouco originais. A identidade cultural constitui um sentimento de pertencimento a um grupo que se manifesta por meio de adoção de características e comportamento. Um (a) jovem bakongo, por exemplo, será diferenciado de um jovem cuanhama ou ganguela através de seu comportamento e práticas que se firmam na identidade dos bakongo.

Um bakongo carrega traços que o identificam e o tornam efetivamente bakongo. Segundo Pereira (2008) a dupla herança do jovem bakongo parece ser ao mesmo tempo um desafio para a manutenção dos aspectos que identificam a vida cultural Kongo e, ao mesmo tempo, tem a potencialidade de repor a vitalidade desta mesma cultura, caracterizada pela capacidade de renovação e assimilação de características de outras culturas.

6.3 O NOME E OS SEUS SIGNIFICADOS NOS POVOS BAKONGO

O significado do nome na cultura bakongo, possui uma relevância enorme, pois nessa cultura Kongo não se atribui nome de qualquer forma, no entanto, nesta cultura, todo nome de carácter tradicional abarca um significado importante, realidades que poderemos ver detalhadamente, na sequência deste trabalho. Um indivíduo, segundo Pereira (2008) pode receber vários nomes, assumindo outros ao longo de sua vida, porém, o primeiro nome, em kikongo, atribuído por ocasião do nascimento, é escolhido de acordo com as circunstâncias ligadas ao nascimento ou ao momento em que o indivíduo veio à vida.

De uma forma geral, na cultura Kongo, o nome é o princípio de um provérbio que faz referência a este acontecimento como por exemplo, *Lufankenda*, *Vavakala*. Por outro lado, o segundo nome muitas vezes homenageia alguém importante, um benfeitor, padrinho, padre, pastor ou é o nome de um avô, avó ou parente do pai. Essa atribuição do nome não pode ser feita por qualquer membro da família, mas sim tem de ser alguém qualificada socioculturalmente. Para que o nome vinque é necessário que haja uma cerimônia para

informar aos antepassados. Na cultura dos povos bakongo, finado não desaparece. Ele continua na vida dos vivos influenciando-os no cotidiano. Os curandeiros têm poder de estabelecer a comunicação entre vivos e mortos.

No séc. XXI, as famílias bakongo (especialmente os que moram nas zonas urbanas e suburbanas das grandes cidades angolanas) abandonaram a tradição e atribuem nomes portugueses para que os filhos não sejam excluídos na sociedade urbana. Essa perda de identidade é perigosa se queremos uma sociedade com identidade própria e com características próprias. Alguns pais escolhem um nome público ou mais oficial, certas vezes, quando o indivíduo se torna adulto. Desta feita, o sujeito pode ainda adotar um terceiro nome, não raro em função de conversão religiosa, ou por circunstâncias de sua vida. Os pais não são os únicos a dar nome ao filho. No fim dos ritos de circuncisão (FONSECA, 1984, p.78) nas cerimônias de iniciação alguns anciões atribuem novo nome ao adolescente ou jovem.

Todavia, alguns destes nomes que indicam a ordem dos iniciados numa classe de idade, continuam a existir (como *Mbala, Kiala, Lukoki*), contudo, a nomeação feita ao final dos ritos de iniciação pode ter se deslocado para o batismo cristão, mantendo o costume da nomeação em momentos diferentes e marcantes da vida. Sendo assim, uma moça que recebe o nome da avó, além de ser chamada pela família de “avozinha”, pode ser chamada também pelas irmãs da avó de “irmã”, pelos filhos classificatórios desta avó de “mãe” ou “mãezinha” e assim sucessivamente. a mesma forma de tratamento pode ser dispensada aos “xarás”, independentemente da posição que ocupem na hierarquia familiar.

Por outro lado, fora do contexto Kongo, Cabral, (2007, p.21) descreve que os nomes para além de classificarem socialmente as pessoas, os mesmos, agem ativamente sobre a situação em que os sujeitos se encontram e as formas de vida que levam, desta feita, os nomes congelam toda uma série de identificações e diferenciações ocorridas no passado. Ao puxarem as pessoas e narrativas, os nomes de pessoas atuam não só sobre as pessoas que os transportam, mais também sobre todos nós que com eles nos cruzamos.

A forma de nomear um indivíduo envolve vários tipos de nome, para ele na tradição sociolinguística europeia, existem três tipos, que são: nome próprio, sobrenome e nome informal, ou alcunha, o que é no Brasil denominado comumente de “apelido”. Em contextos lusófonos, o nome próprio tem maior poder de convocação da pessoa do que o sobrenome. Sendo que o fato se deve tanto à maneira como os sobrenomes relacionam as pessoas com as outras, (inserindo-as em grupos familiares, sendo por isso nome de grupo) como à forma como os nomes próprios revelam e individualizam as que os usam (CABRAL, 2007).

O ato de nomear, segundo Cabral (2007) é um dos primeiros momentos de inserção da pessoa numa categoria social de gênero. A inserção do nome feminino ou masculino na menina ou no menino que nasce é a incorporação de uma marca de diferenciação social de gênero que investe de significado a pessoa nomeada, iniciando um longo e complexo processo de feminização ou masculinização que se prolonga no tempo.

A ausência de uma padronização ortográfica da língua kikongo faz com que a grafia dos diversos nomes seja diferente. Em muitos momentos se usa o alfabeto da língua portuguesa para escrever nomes em kikongo. Nessa tentativa de escrever os nomes, muitos nomes perdem a sua sonoridade original o que causa estranheza diante do povo bakongo.

Precisamos deixar claro que a atribuição do nome é feita uma semana após o nascimento da criança. É proibido atribuir nome antes do nascimento. Mesmo que os pais tenham a ideia do nome que pretendem dar não podem anunciar a ninguém até que a criança nasça. Há um tabu nos povos bantu que o anúncio antecipado do nome do feto atrai feiticeiros que podem fazer mal a gestante e de repente nascer um animal que não seja humano.

6.4 O PARENTESCO: ASPECTO ANTROPOLÓGICO

Discutir sobre parentesco é verdadeiramente complexo. Segundo Lévi-Strauss (1975) cada cultura tem o seu entendimento sobre parentesco e não há unanimidade embora sendo todos seres humanos na terra. De acordo com dicionário, parentesco é a relação que une duas ou mais pessoas por vínculos genéticos ou sociais. Pereira (2008) questionando a um jovem bakongo filho de pais regressados, sobre a diferença entre um *Mukongo* e um luandense, foi lhe respondido que “um bakongo é sempre um bakongo. O fundamento do parentesco Kongo reside na *Kanda* ou seja (*Nkanda*). Por sua vez, a *kanda* é o grupo de parentesco organizado em linha materna, descendente de uma antepassada comum, como também a *kanda* é designada por um nome em *kikongo* (Ex: *kimbenza*, *kimulazo*, *kinlaza*) e define o grupo exógamo. Empiricamente, a *kanda* costuma estar associada ao clã (*mvila*) embora que ela faça mais referência ao grupo local do que o clã, que remete à categoria de descendência mais ampla e não implique em exogamia. A *kanda* divide-se em linhagens, ou barriga (*vumo*) ou seja, o grupo, de descendência até a quarta geração, que regula os direitos da herança (PEREIRA, 2008).

A *Kanda* que por sua própria definição abrange os vivos, seus antepassados e os não nascidos, a mesma, estabelece duas categorias fundamentais de pessoa entre os bakongo, que são: os indivíduos de livre direito, que são aqueles pertencentes a uma dada linhagem

materna, com todos os direitos relativos a sucessão e herança, e os outros, ou escravos que, não possuindo sua própria *kanda* e sendo incapaz de declarar sua *mvila* (genealogia), têm um lugar subordinado na estrutura social. As estruturas da matrilinearidade têm a função, basicamente, de regular os casamentos dentro do grupo (fora da *Kanda*), de definir o grupo de herança, bem como de estabelecer a autoridade dentro da família, perdurando o sistema de chefia familiar centrada na figura do tio materno ou tio-avô materno, o membro mais velho da *Kanda* (*nkazi*).

A transformação considerada mais notável na estrutura de parentesco *Kongo* é aquela que foi ocasionada pela tendência à valorização do poder do pai em detrimento do poder do tio materno. Portanto, este processo obrigou a transição do sistema matrilinear para patrilinear ocidental, uma forte influência desta última nas formas de organização familiar, o que também implica na nuclearização da família em detrimento da chamada “família extensa”. Com isso pretendemos mostrar que a aculturação mudou as regras socioculturais e trouxe uma visão euro centrista que não ajuda em nada na preservação das tradições dos grupos étnicos.

O tratamento de “mãe” (*ngudi Mama*) se dá a todas as irmãs da mãe, reais ou classificatórias; todos os membros da linhagem do ego (*kingudi ou kanda*) são irmãos (*mpangui*), incluindo todos os primos paralelos matrilineares; todos os membros da *Kanda* do pai (*kitata* ou *kise*) são pais (*tata* ou *se*), incluindo os primos cruzados patrilineares; todos os membros da linhagem do pai do pai e do pai da mãe são avós (*kinkaka*). Por sua vez, os primos cruzados matrilineares são filhos do ego.

6.5 A CULTURA E IDENTIDADE DE UM POVO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Sendo a língua, uma construção social é difícil estudá-la fora do seu contexto social. Isso acontece porque vários traços culturais são interpretados dentro da língua. Segundo Camara Jr. (1955, p.54) “a língua, em face do resto da cultura, é o resultado dessa cultura, ou sua súmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir.” Desta forma Camara Jr aponta que 1) a língua é parte da cultura; 2) É, porém, parte autônoma, que se opõe ao resto da cultura; 3) Explica-se até certo ponto pela cultura e até certo ponto explica a cultura; 4) Tem não obstante uma individualidade própria, que deve ser estudada em si; 5) Apresenta um progresso que é o seu reajustamento incessante com a cultura; 6) É uma estrutura cultural modelo, que nos permite ver a estrutura menos nítida, imanente em outros aspectos da cultura (CAMARA JR, 1955, p.58-59). Por essa razão a cultura deve ser analisada a partir do ponto de vista sincrônico.

De acordo com o Malinowski, citado por, Goldenberg (1997), cada cultura tem como função que é a satisfação das necessidades básicas dos indivíduos que a compõem criando instituições capazes de responder a estas necessidades. Segundo, Cotrim (2006, p.17) “a cultura pode ser considerada um amplo conjunto de conceitos símbolos, valores e atitudes que modela uma sociedade.” Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira (CUCHE, 1999, p.45).

Por essa razão, não existe uma cultura superior a outra porque todas as culturas representam as identidades dos seus respectivos povos ou etnias. Há no mundo atual uma tentativa de globalizar a cultura. A globalização, ao nosso ver torna o mundo desinteressante, porque a aculturação elimina das diferenças. A forma como compreendemos e interpretamos o mundo depende da forma como enxergamos o mundo. Por exemplo, a lexicultura é um exemplo prático de como a léxico e a cultura se entrelaçam. Entendamos por lexicultura, “o conjunto de itens lexicais que caracterizam e especificam uma determinada comunidade linguística.” (TIMBANE, 2014, p.46). A lexicultura pode ser geral quando constitui léxico de uma comunidade de fala como todo e pode ser específica quando caracterizam uma variedade ou variante específica.

A seguir apresentaremos alguns exemplos extraídos do dicionário kikongo (DEREAU, 1957) que mostram a relação entre a palavra e a cultura em que os falantes estão inseridos:

- a) *bulasana-bulasane*: bater-se mutuamente
- b) *bumpumbulu*: maldade enviada á alguém
- c) *n'situ*: lugar da floresta onde se fazem os ritos da cultura.
- d) *yukusu-yukusulu*: estar habituados um do outro

Essas unidades lexicais são intraduzíveis em português que é uma língua europeia que carrega outras culturas. É um esforço grande para encontrar o equivalente destas palavras em português porque elas abordam uma realizada socioculturalmente encontrada na cultura bakongo.

No entanto, a cultura, é um tema de impacto bastante relevante, pois é um assunto que desperta interesse de muitos fazedores de opinião, pesquisadores, e muitos outros, é um conteúdo que não possui uma definição concreta e, portanto, pode ser definida de várias maneiras. Sendo assim questiona-se o sentido do termo cultura? Para responder a essa indagação, Cotrim, (2006, 17) usou o termo “cultura” em perspectivas distintas.

Os biólogos, por exemplo, referem-se à criação de certos animais falando em cultura de germes, cultura de carpas etc. Na linguagem cotidiana, dizemos que uma pessoa tem cultura quando frequentou boas escolas, leu bons livros, adquiriu conhecimentos científicos etc. Na Grécia Antiga o termo cultura adquiriu uma significação toda especial, ligada à formação individual do cidadão, ou a cultura numa abordagem mais filosófica, a resposta oferecida pelos grupos humanos ao desafio da existência. Empregada por antropólogos, historiadores e sociólogos, cultura designa o conjunto dos modos de vida criados e transmitidos de uma geração para outra, entre os membros de uma sociedade. Ela abrange conhecimentos, crenças, arte normas, costumes e muitos outros elementos adquiridos socialmente pelos homens. (COTRIM, 2006, p.17).

A cultura pode ser considerada um amplo conjunto de conceitos, símbolos, valores e atitudes que modelam uma sociedade. Neste sentido, todas as sociedades humanas, da pré-história aos dias atuais, possuem uma cultura. A cultura é duradoura embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. No entanto, a cultura também se modifica conforme mudam as normas e entendimentos. Para o antropólogo Lévi-Strauss, “as culturas humanas diferem entre si, se essas diferenças se anulam ou se contradizem, ou se concorrem para formar um conjunto harmonioso, é preciso primeiramente tentar esboçar seu inventário” (LÉVI-STRAUSS, 1993, p.330).

Pode-se afirmar que a cultura vive nas mentes dos membros da comunidade. Ela é aprendida de forma abstrata e comanda as formas de ser e de estar em sociedade. Mas as pessoas não nascem com ela; adquirem-na à medida que crescem. Suponha que um bebê húngaro recém-nascido seja adotado por uma família residente nos Estados Unidos, e que nunca digam a essa criança que ela é húngara. Ela crescerá tão alheia à cultura húngara e viverá e se comportará como qualquer outro americano (COTRIN, 2006).

Portanto, a preservação da cultura bakongo é percebida em várias vertentes na sociedade angolana, nelas se destaca a forma como são resolvidos os problemas de caráter tradicional, como é o caso do “alambamento” (dote) que corresponde ao casamento tradicional. Lévi-Strauss (1975) discutindo. A língua oficial da cerimônia do alambamento é a língua africana, até porque os avisos aos mortos não podem ser em outra língua senão na língua conhecida por eles. Significa que não pode evocar aos antepassados em outras línguas senão o kikongo, no caso da etnia bakongo. Desta feita a língua e a cultura se mantêm vivas e são transmitidas pela oralidade de geração em geração.

O fato de haver muitos casamentos interétnicos entre estes dois grupos, segundo os próprios casais que foram entrevistados pela Pereira (2008), os Ovimbundu teriam costumes semelhantes com as dos Bakongo. Há semelhanças na organização familiar, na valorização dada ao casamento e aos preceitos necessários ao matrimônio. Desta forma há mais

possibilidade do bakongo se unir com uma ovimbundo e vice-versa devido a semelhança das práticas culturais, o que não aconteceria com os Ambundo, por exemplo.

A relação entre os jovens e os mais velhos reedita a tensão recorrente do sistema social Kongo entre gerações. Entretanto, esta implica, no contexto originário, em cisão e saída das linhagens mais jovens em busca de novos territórios, fugindo à falta de espaço territorial como político, buscando reproduzir as mesmas hierarquias em novos espaços. Quanto à saída da linhagem dos jovens, é normal neste grupo porque significa procurar ter crescido e ganhar independência. Quando os jovens se afastam demonstram na prática os ensinamentos aprendidos no grupo social e isso significa maturidade.

Existe uma vontade de controle por parte dos mais velhos sobre as novas gerações porque a sociedade confiou a eles a missão de transmitir valores às novas gerações esses jovens serão adultos no futuro e assumirão responsabilidades no seio familiar ou no grupo social. Ou seja, a médio prazo, as escolhas culturais feitas pelos jovens em determinado contexto, podem encontrar posteriormente um espaço de legitimação, de acordo com os novos papéis que estes assumem no âmbito familiar ou grupal e do status que passam a conquistar.

Terminamos esta parte sublinhando que a língua corresponde a uma identidade dos falantes. Por outro lado, a cultura também constitui a identidade de um povo. Identificamos um povo através da sua língua e sua cultura.

7 METODOLOGIA, FORMAS DE COLETA E PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS

A metodologia, é “entendida como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades” (MARTINS, 2004, p.291). Portanto, a metodologia usada para a descrição deste trabalho foi o método qualitativo. Desta forma, a metodologia a ser utilizada para a realização da pesquisa será de caráter bibliográfico e consistirá na leitura, análise e discussão de diversas obras que discutem o assunto a ser investigado.

7.1 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

De acordo com Haguette (2010) a entrevista pode ser “definida, como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a

obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Desta feita, para a coleta de dados utilizaremos a entrevista como instrumento de coleta de dados, na qual entrevistaremos alguns elementos, pertencentes ao grupo étnico bakongo.

As referidas entrevistas decorrerão no Nordeste de Angola especificamente na Província do Uíge, nos municípios de Kimbele e Buengas, nos quais serão entrevistados quatro membros pertencentes ao referido grupo étnico (cf. Apêndice I), sendo que a mesma será dividida em duas partes, em que na primeira entrevistaremos dois anciões que são reconhecidos pela comunidade como conselheiros. E, portanto, na segunda etapa entrevistaremos duas mulheres (cf. Apêndice III) com conhecimentos das tradições bakongo, para percebermos a relação de nomear um indivíduo na cultura bakongo.

As questões serão obtidas por intermédio de um roteiro de entrevista semiestruturada, constando uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que se deverá seguir para obtenção dos mesmos dados. Desse modo, a entrevista terá dez questões elaboradas com base nos objetivos da pesquisa. Para isso, o critério da escolha destas pessoas foi feito de acordo com as suas amplas relações com a cultura e vivências.

De acordo com Lakatos (2003) a entrevista “como técnica de coleta de dados, oferece várias vantagens e limitações”. É que a entrevista pode ser utilizada com todos os seguimentos da população; analfabetos ou alfabetizados, por outro lado fornece uma amostragem muito melhor da população geral. O entrevistado não precisa saber ler ou escrever, e há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente. Portanto, Lakatos (2003) acredita que, “a entrevista apresenta algumas limitações ou desvantagens, que podem ser superadas ou minimizadas se o pesquisador for uma pessoa com bastante experiência ou tiver muito bom-senso”.

A entrevista tem as suas limitações. Por exemplo, dificuldade de expressão e comunicação de ambas as partes, incompreensão, por parte do informante, do significado das perguntas, da pesquisa que pode levar a uma falsa interpretação, como também a possibilidade de o entrevistado ser, influenciado inconscientemente, pelo questionador, pelo seu aspecto físico, suas atitudes ideias opiniões, e disposição do entrevistado em dar as informações necessárias, retenção de alguns dados importantes, receando que sua identidade seja revelada, e bem como, ocupa muito tempo e é difícil de ser realizada.

A escolha dos entrevistados respeitará a experiência dos indivíduos na comunidade, assim como o tempo de permanência naquela comunidade. Antes das entrevistas a pesquisa será submetida a Comissão de Ética em Pesquisa onde será avaliada e aprovada para que haja

créditos acadêmico-científicos. Os entrevistados vão assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (vide Apêndice I).

7.2 PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS

De acordo com Fernandes (apud ALVES & SILVA, 1992), a análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade.

Esse método será utilizado, pois visamos extrair dos dados coletados, informações que sejam expressas em conceitos e ideias, possibilitando a compreensão dos fenômenos a serem pesquisados. Sendo assim, após a coleta de dados, faremos uma seleção dos mesmos, de modo em que possamos verificar a veracidade dos mesmos, bem como, perceber se são dados coerentes e completos para o tema da pesquisa. Depois de selecionados, os dados serão analisados, para a análise de dados.

Conforme Trujillo (apud LAKATOS, 2003) análise é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. Essas relações podem ser estabelecidas em função de suas propriedades relacionais de causa-feito, produtor-produto, de correlações, de análise de conteúdo etc. Desta feita relacionaremos a cultura com as vivências dos entrevistados.

Após a coleta, os dados serão transcritos e organizados por gênero. Sendo que os dados coletados serão descritos, estruturados em grupos, classificados por gênero, pois é importante fazer esse recorte, de modo a empreendermos as disparidades entre ambos, dentro do fenômeno ao qual iremos analisar. Dessa forma, as entrevistas realizadas com pessoas da área rural, é importante, pois são pessoas e que vivem afundo as manifestações culturais do grupo étnico bakongo. Sendo que as mesmas entrevistas serão comparadas entre si de modo a se perceber semelhanças entre os dados.

A separação por gênero emerge pelo fato de que na cultura bakongo, a nomeação de um ser, ou indivíduo é dicotomizado por homem e mulher. Culturalmente, nessa etnia, quando um casal está em fase de atribuir nome ao filho, o homem sempre tem a autonomia de nomear o primeiro filho posteriormente a mulher nomear o segundo filho.

9 ORÇAMENTO

Quadro 3 - Descrição do Orçamento

Descrição	Especificação	Valor	Subtotal
Material Permanente	Notebook	R\$ 2.599,00	X
Serviços de terceiros	Revisão e Xerox	R\$ 150,00	X
Materiais bibliográficos	Artigos	X	X
Coleta de Dados	Alimentação	X	X
Participação Eventos	Aula de Leitura e Produção de Texto	X	X

REFERÊNCIAS

- ALVES, Biasoli Mendes Zélia Mana, SILVA Da Dias F. G. Helena Maria, **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta.** São Paulo: Paidéia, 1992.
- ANGOLA. **Constituição da República de Angola.** Luanda: Assembleia Nacional, 2010.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta, língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec Editora, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural.** Trad. Celso Castro. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CABRAL, João De Pina, VIEGAS, Susana De Matos (Org.). **Nomes: Etnicidade e Família.** Coimbra: Almedina, 2007.
- CALVET, Lous-Jean. Fundamentos de uma ecologia das línguas. In: COUTO, Hildo Honório do et al. (Org.). **O paradigma ecológico pasta as ciências da linguagem: ensaios eco linguísticos clássicos e contemporâneos.** v.2. Goiânia: Ed. UFG, 2016. p.351-372.
- CARMO, Gabriel Egidio do. **Blog Geografia.** Viçosa: UFV, 2014. Disponível em: <<https://suburbanodigital.blogspot.com/2014/08/provincias-e-capitais-de-angola.html>>. Acesso em: 27 FEV.2019
- COTRIM Gilberto, **Fundamentos da Filosofia.** São Paulo: Eneida C. da Silva Gordo, 2006.
- COUTO, Hildo Honório do. **Escolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente.** Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko N. N.; BORGES, Lorena Araujo de O. **Análise do discurso ecológica.** Campinas, SP: Pontes, 2015.
- CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** Bauru: Edusc, 1999.
- DEREAU, Léon. **Lexique kikongo-français & français-kikongo.** Namur: Maison d'Éditions Ad. Wesmael-Charlier (S.A.) 1957.
- FARACO, Alberto, Carlos. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola Editora, 2006.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HAGUETTE Frota Tereza Maria, **Metodologias qualitativas na sociologia.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LAKATOS, Marconi Marina De Andrade Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural II**. 4.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

KI-ZERBO, Joseph. Para quando África? Entrevista com René Holenstein. Trad. Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MAMONA, Patrício. **Escrita do Kikongo**, 2016 Disponível em: <https://www.kiakongo.com/escrita-do-kikongo/> acesso em: 17 dez.2018.

MARTINS, Heloisa Helena T. de. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

PÉLISSIER, René Douglas Wheeler. **História de Angola**. Lisboa, Tinta da China, 2009.

PEREIRA, Luana. **Os bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda**, São Paulo: Serviço de Comunicação Social, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2006.

TIMBANE, Alexandre António. Analisando o léxico nas variedades do português: contornos da cultura moçambicana na língua portuguesa. In: PARREIRA ALMEIDA, Fabiola A. Sartin Dutra; DUARTE XAVIER, Vanessa Regina (Org.). **Diálogos e perspectivas nos estudos do léxico e formação de professores**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2018. p.15-44.

TIMBANE, Alexandre António; REZENDE, Meire Cristina Mendonça. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Revista Travessias**. v.10, n.3, 28.ed., p.388-408. 2016.

TIMBANE, Alexandre António. A lexicultura no português de Moçambique. **Linguagem: estudos e pesquisas**. v.18, n.2, p.43-59, jul. /dez.2014.

TRIPLOV.COM.ORG. **Mapa Etnolinguístico de Angola**. s.d. Disponível em: http://www.triplov.com/letras/americo_correia_oliveira/literatura_angolana/anexo3.htm. Acesso em 28 fev.2019.

APÊNDICES

APÊNDICE I: TERMO DE CONSENTIMENTO, LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada “**A Língua e a Cultura do Povo Bakongo: Do Nome ao Parentesco Na Culturação Moderna**” Desenvolvida por Manuel Paulo Bengui, Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é coordenada / orientada pelo professor Alexandre Ant3nio Timbane, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necess3rio atrav3s do WhatsApp (64) 992171073 podendo ser no modo a cobrar ou ainda pelos e-mails alexandre.timbane@unilab.edu.br____ ou manuelbeng@hotmail.com .

Afirmo que aceitei participar por minha pr3pria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou qualquer 3nus e com a finalidade exclusiva de colaborar para a ci3ncia. Fui informado (a) dos objetivos da pesquisa e as formas divulga33o.

Fui tamb3m esclarecido (a) de que os usos das informa333es por mim oferecidas est3o submetidos 3s normas 3ticas destinadas 3 pesquisa envolvendo seres humanos, da Comiss3o de 3tica em Pesquisa (CEP) da Universidade de Integra33o Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Minha colabora33o se far3 de forma an3nima, por meio de entrevista semiestruturada e observa33o de algumas aulas durante o per3odo da pesquisa. As entrevistas ser3o gravadas a partir da assinatura desta autoriza33o. O acesso e a an3lise dos dados coletados se far3o apenas pela pesquisadora e seu orientador.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuzo para meu acompanhamento e sem sofrer quaisquer san333es ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma c3pia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomenda333es da Comiss3o de 3tica em Pesquisa (CEP).

_____, de _____ de _____

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da (a) pesquisadora: _____

Assinatura do orientador: _____

APÊNDICE II: Perguntas das entrevistas para homens

1. Sendo alguém pertencente ao grupo étnico bakongo qual é a importância que o kikongo tem para si?
2. Quando é que um indivíduo é reconhecido na cultura kongo?
3. Como um bakongo pode ser identificado na sociedade
4. Que relação a língua kikongo possui com a cultura bakongo?
5. O que acha da prática da atribuição do nome tradicional nos bakongo
6. Porque os indivíduos da mesma tribo não se podem casar?
7. Qual é a relação que o nome possui com a cultura?
8. O que o parentesco representa na cultura bakongo?

APÊNDICE III: Perguntas das entrevistas para mulheres

1. Como mulher qual é o critério que usa para escolher o nome para atribuir ao filho?
2. Porque a mulher nomeia o segundo filho e não o primeiro filho?
3. Quando é que se associa o nome de um indivíduo ao do antepassado?
4. A cultura bakongo é matrilinear ou patrilinear?
5. Sendo alguém pertencente ao grupo étnico bakongo qual é a importância que o kikongo tem para si?
6. como enxergas a cultura bakongo em geral após a colonização?
7. Os membros deste grupo falam a língua kikongo com frequência?
8. Qual é a diferença existente entre uma tribo e a outra?